

ENSAIO

Em palimpsesto de familiaridades

Por Gabriel Fernandes de Miranda

O romance de Elvira Vigna tem uma presença, uma densidade. Sua leitura trouxe em mim a vontade de realização complexa e completa de um projeto: aquele que Barthes chama de “escrever a leitura”. O ato de ler, de completar, imaginar e co-autorar o livro. *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* é um livro recheado mesmo desses momentos de verdade barthesianos. Frases que precisei ler e reler, cuja profundidade provoca uma reação no corpo, uma inundação de angústia, que gera o gesto-chave da leitura à la Barthes: o levantar a cabeça, a descontinuação da leitura*. Esse gesto comum informa e produz uma capacidade esquecida da literatura: de ser mais do que si mesma, de produzir efeitos que são tão fortes que a leitura não pode continuar. Os sentimentos evocados por essas frases bem escritas — frases-gestos — se copiam e se difundem para além dos momentos de verdade do texto. Em minha leitura houve um elemento mais profundo: o livro passa, constrói e figura, lugares familiares a mim, que efetivamente produzem uma proximidade que é, pura e simplesmente, casual.

Elvira Vigna não escreveu esse romance para mim, não me conhece, não conhece meus trajetos, desconhece o meu vago conhecimento da minha própria cidade, mas a geografia imaginada de seu livro me tocou profundamente. A Marquês de Olinda, rua do bairro de Botafogo em que a trama se inicia me faz pensar de tantas outras ruas desse mesmo bairro que conheço, ruas iguais,

* Nas palavras de Barthes: “ler levantando a cabeça”. BARTHES, Roland. O Rumor da Língua. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p. 26

implacáveis, vazias e com o sol duro do verão carioca. O bairro de Olaria do romance, local de origem do personagem João evoca meu escasso conhecimento também da Zona Norte, mas me faz pensar na casa da minha avó, em um subúrbio tão comum quanto aquele que aparece na obra. Mesmo quando a narrativa viaja, o faz para São Paulo ou Brasília, cidades familiares, em um acaso imenso para um jovem longe da etiqueta de “viajado”. Não que eu seja conhecedor dos puteiros de João, nem de seus hotéis caríssimos, ou dos motéis baratos, mas a construção de lugar passa por algo muito meu, uma vaga posse de certos lugares, uma presença imaginativa corrente, sempre pronta para ser evocada, de ruas, bairros, lugares-comuns que não conheço bem, mas me são vagamente familiares. Até quando o livro se aproxima de um ambiente realmente muito próximo, a praça Tiradentes e o bar Imperatriz, no centro do Rio de Janeiro — locais de intensa familiaridade pra qualquer aluno do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ — sua aproximação se dá quase sub-repticiamente, por lugares nunca visitados, mas conhecidos, imaginados. O centro de artes Hélio Oiticica e o hotel miserável das prostitutas foram presenças no meu dia a dia de universitário durante cinco anos, mas presenças quase fantasmagóricas, como prédios miragens, espectros.

As histórias que João conta, e a narradora sem nome reconta, passam por locais que me são familiares por fora. Um conhecimento de fachada, como é o caso do Iate Clube que fica no limite entre Urca e Botafogo, onde jamais pisei, mas o qual posso perfeitamente revisitar na imaginação, sua fachada está impressa nos meus olhos. Esse romance, apesar de sua maestria de construção de personagens complicados, de uma narradora auto-crítica, presente e consciente de

sua presença, me chama a atenção por sua coincidência com a vida. Mais especificamente a minha vida, a minha série de locais visíveis, visitados, e guardados em minha memória. Elvira, sem querer, escreveu um roteiro de viagens que se parece muito com o meu próprio caminhar. A minha experiência de leitura, intransferível, ainda que inserida em um campo mais amplo de leituras possíveis do romance, mostrou a capacidade mnemônica da revisitação de lugares através da literatura. A cidade de Saquarema, local popular de veraneio da classe média baixa carioca, que aparece no romance como local onde os personagens têm um encontro duro, redentor e vingativo, é pouco parecida com a Saquarema que frequento e frequentei durante todos os meus verões, na casa de meus pais. Mas ainda assim, na leitura de *Como se estivéssemos em Palimpsesto de Putas*, essa cidade está presente e me remete àquela Saquarema — também ficcional à sua maneira — que eu conheço bem, ou acredito conhecer. Eu quase pude sentir o cheiro do mar e a areia muito branca, mas como em um sonho, os lugares ficcionais parecem encurtados, a igreja em uma colina à beira-mar perto demais, o mar perto demais da areia, e o asfalto perto demais da praia. Esse lugar se dá através de uma refiguração que parece funcionar como uma cópia não exata da memória, uma fantasmagórica expressão de lugares visitados incontáveis vezes. Nesse procedimento, o local familiar reaparece como um estranho, uma novidade.

De certa maneira, reviver através da história de João, Lola e a narradora anônima os lugares de meu percurso inteiro promove um efeito de estranho-familiar. *Unheimlich* no vocabulário freudiano**. Uma reconstrução do familiar, ou uma revelação, através da ficção,

** FREUD, Sigmund. O inquietante (Das Unheimliche), trad. PC Souza. Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14, p. 328-376, 1919.

da arte das palavras, dos locais que pertencem ao meu imaginário geográfico particular. O aparecimento desse sentimento, tão bem traduzido ou constituído por Freud é fortuito, faz lembrar do caráter de análise dos encontros de João e a narradora. Encontros em um escritório vazio, “inchado de livros”, que efetivamente servem à João como um lugar aonde se pode contar a história de si mesmo. E o papel da narradora, imitando aquele da analista, o ouvido presente, o instrumento que permite e valoriza a fala. Mais uma vez, os doces acasos da leitura surpreendem, ao mesmo tempo que demonstram as possibilidades de explorações acidentais da leitura. Duplo acaso, dupla potência literária.

A recriação de lugares familiares pela ficção talvez nos diga bastante sobre o local da ficção em relação à referencialidade. A minha experiência de leitura indica que a ficção, como o bairro de Botafogo em Elvira Vigna, tem um lugar tangencial, uma proximidade-longínqua, um indizível caráter familiar, uma tensão apenas, na linha tênue das nossas construções de experiência. O lugar criado na ficção não é, e nem deixa de ser o local ao qual ele se refere, o qual ele representa. A ingenuidade das leituras de ficção que se baseiam na referencialidade é a mesma ingenuidade das leituras que acreditam na completa dissociação da ficção e da experiência. Ficção e vida apareceram em minha leitura de Vigna mescladas, duramente misturadas, provocando um redemoinho de estranhos sentimentos de nostalgia, de saudade pelo real, que é também a nostalgia e a saudade pelo ficcional. Não nos comunicamos só em ficções, nem só em experiências, mas através dessas categorias as palavras flutuam e criam lugares indistintos como os caminhos de *Como se estivéssemos em Palimpsesto de Putas*.

Talvez em paralelo com essa estranha flutuação da geografia ficcional que me pertence no livro de Elvira Vigna, apareça o personagem fluido de Lurien, um ele/ela de identidade de gênero indefinida, que não se fixa nos lugares-comuns esperados. Talvez o maior exemplo de viver o não-lugar seja esse corpo cujo local não é e nem pode ser descrito pela linguagem, e os bairros e cidades do livro também sejam como Lurien, estranhos às palavras.

A relação que se dá na leitura entre ficção e vida parece um terreno fértil muito pouco investigado. Para além das teorias da recepção que tendem a um esquematismo pobre e sociologizante, parece haver um espaço indefinido de experiências próprias de leituras que demonstram um potencial da literatura inexplorado. A exploração de locais que tangenciam a experiência, a memória e a ficção. Os lugares de Elvira Vigna em minha leitura me contaram muito sobre a ficcionalidade de qualquer geografia, e de como há algo que desperta quando diferentes geografias imaginadas se chocam e, mais importante, se sedimentam — em palimpsesto — tal como as putas de João, tais como nossos deslocamentos geográficos do cotidiano. Como em um espelho quebrado, esses lugares aparecem reconhecíveis apenas por alguns segundos antes que a imagem se desfça, que a ilusão da presença desmonte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARTHES, Roland. O Rumor da Língua. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- FREUD, Sigmund. O inquietante (Das Unheimliche), trad. PC Souza. Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14, p. 328-376, 1919.
- VIGNA, Elvira. Como se Estivéssemos em Palimpsesto de Putas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.*

Gabriel Fernandes de Miranda (RJ). Atualmente é bolsista CAPES de doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF), é Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).